Expressão Universitária
Ano 4 Número 44 Junho/2014
www.sinsepes.org.br

"O ESTADO É FALHO PRA ADMINISTRAR A JUSTIÇA, MAS O INDIVÍDIO É AINDA MAIS FALHO AO QUERER FAZÊ-LA COM AS PRÓPRIAS MÃOS"

JONHN PAULO MAFRA, ESTUDANTE DE DIREITO DA FURB AGREDIDO AO SER CONFUNDIDO COM UM LADRÃO

CASOS DE JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS SE ESPALHAM E GERAM PREOCUPAÇÃO

PÁGINAS 8 E 9

"LINCHAMENTOS NÃO SÃO NOVOS. RECENTE É A VISIBILIDADE QUE PASSAMOS A TER DELES, NA MEDIDA EM QUE OS GRUPOS ANTES DESCONSIDERADOS SOCIALMENTE PASSARAM A CONQUISTAR DIREITOS DE IGUALDADE"

ADILÉIA APARECIDA BERNARDO, COORDENADORA DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA FURB

CASOS DE JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS SE ESPALHAM E GERAM PREOCUPAÇÃO

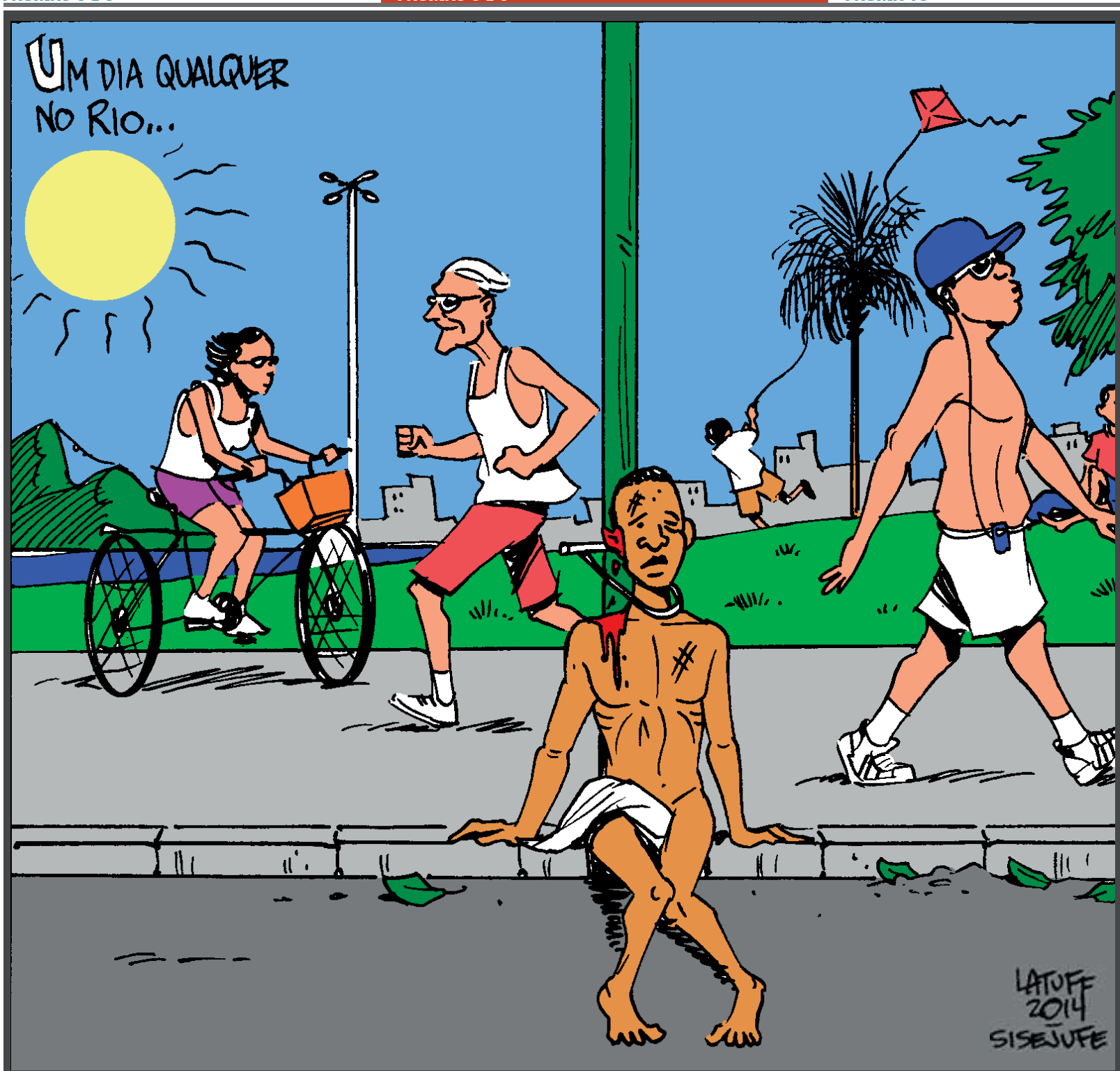
PÁGINAS 8 E 9

"É A PRIMEIRA ELEIÇÃO QUE NÃO HÁ OPOSIÇÃO. A PRIMEIRA VEZ QUE O MODELO INSTITUCIONAL DA FURB NÃO SE ENCONTRA EM DISPUTA"

MARCOS ANTÔNIO MATTEDI, DOUTOR EM CIÊNCIAS SOCIAIS

A DIALÉTICA DAS RAPOSAS E CORDEIROS

PÁGINA 15



"JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS" DESAFIA O ESTADO

CASOS SE ESPALHAM E CHEGAM A BLUMENAU, COM A AGRESSÃO DO ESTUDANTE DE DIREITO DA FURB ESPANCADO APÓS SER CONFUNDIDO COM LADRÃO. PARA ESPECIALISTAS, PRÁTICA GANHA FORÇA COM MANIFESTAÇÕES EM DEFESA DESSE CRIME E A DESCONFIANÇA DA POPULAÇÃO COM A JUSTIÇA. PÁGS 9 E 10

FURB: A LUTA POR ESPAÇOS PÚBLICOS

COMUNIDADE ACADÊMICA REIVINDICA ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA COM OCUPAÇÃO DE SALA NA FURB

PÁGINAS 3 E 10

SERVIDORES PÚBLICOS: EM BUSCA DE VALORIZAÇÃO!

PARADOS DESDE O DIA 21 DE MAIO, TRABALHADORES QUE LUTAM POR MELHORIAS TÊM APOIO DO SINSEPES

PÁGINA 16

Uma publicação do Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau

EDITORIAL

PROBLEMAS LOCAIS COM SOLUÇÕES GLOBAIS – A INCONSISTÊNCIA DE UMA AGENDA COERENTE

A ONU produz alguns estudos úteis no que se refere a estatísticas, publicou um relatório recente pelo Escritório sobre Drogas e Crime "Global Study on Homicide-2013" em que mostra que o Brasil tem 11 das 30 cidades mais violentas do mundo com base em assassinatos ocorridos no ano de 2012, são dados da própria estatística da segurança pública – em determinadas regiões esses dados não estão disponíveis. Baseado em elementos como premeditação, motivação, contexto, instrumentalidade e relação entre vítima e perpetrador, este estudo identifica três tipologias distintas de homicídio com o intuito de lançar luz em diferentes tipos de violência letal: homicídio relacionado a outras atividades criminais; homicídio relacionado a conflitos interpessoais; e homicídio relacionado a agendas sociopolíticas. Homicídios relacionados a outras atividades criminais registram níveis distintos nas regiões ao redor do mundo. Atualmente, percebem-se altos índices de mortes desta natureza em áreas na América do Sul e Central, que são frequentemente ligados a violência entre grupos do crime organizado. A América do Sul e Central e estão na liderança mundial superando pela primeira vez o continente africano, onde as guerras e zonas de conflitos foram responsáveis por uma taxa de homicídios elevada, mas que tem conseguido reduzir a violência de acordo com o mesmo relatório. Mas na América Central e do Sul vem aumentando. Na Venezuela e em El Salvador, por exemplo, a situação é considerada simplesmente "fora do controle".

Em 2012, mais de 50 mil pessoas foram assassinadas no Brasil, um crescimento de 8% em comparação com o ano anterior em contraste com o resto do mundo que vem diminuindo, com exceção às áreas de conflitos e guerras. Não se pode pensar no crime apenas sob o aspecto socioeconômico. Aqui e na América o mesmo relatório apontou que 30% dos homicídios estão relacionados ao crime organizado em especial ao tráfico de drogas, isso é até otimista no Brasil, pois dados da Segurança Pública em algumas regiões apontam um relacionamento acima de 50%. Tratamos de uma verdadeira economia do crime, o "empresário do crime ilícito" coloquialmente romantizado por parte da mídia brasileira é uma figura midiática que beira os extremos da admiração e da repulsa. Na Europa Ocidental o índice de homicídios relacionado ao tráfico é de cerca de 1% e lá estão sendo discutidos os casos de homicídios em função da violência familiar, violência contra mulher entre outros, coisa de primeiro mundo, mais grave no Brasil nesse aspecto sem dúvida, mas aqui a coisa é mais embaixo. O tráfico de drogas na América financiou e financia movimentos políticos e prospera diante do enfraquecimento institucional. É uma questão de negócio e encontra também no Brasil um ambiente propício para seu desenvolvimento com graves consequências sociais negativas não apenas em relação à violência, mas também para a saúde pública. O tráfico é um negócio e prospera em regiões onde existem desigualdades sociais e avança com o aumento da renda quando encontra espaço para se desenvolver. A região nordeste onde a renda cresceu, o tráfico bem como o consumo aumentou. O "crack" uma das drogas mais baratas concentra na região nordeste segundo levantamento feito pela Fiocruz, 38,7% do total de usuários - cerca de 148 mil pessoas, a região sudeste está com 29,6% e o Sul com 9%. Seja pobre ou rico - como o consumidor de cocaína - o mercado é segmentado de acordo com a capacidade de pagar pela droga. Em São Paulo depois do auxílio de R$ 15 reais por dia dado aos usuários a pedra de crack subiu de R$ 10,00 para R$20,00. Dinheiro fornecido irresponsavelmente a pessoas que continuam em estado de "despersonalização do próprio eu transfigurado em zumbi urbano" – na verdade é um inconsciente social - é um escravo de sua própria situação com lampejos de consciência da situação da qual deseja se livrar e individualmente não consegue sem ajuda. Dados da Secretaria de Segurança Pública apontam que quantidade de crack apreendida nos quatro primeiros meses do ano subiu 229,7% em 2014. Um desastre social em curso. Será que os engenheiros sociais da ONU também vão dar uma solução a esse respeito?

Somos capazes em subserviência aos pacotes de leis encomendados de determinadas agendas globalistas e "bater continência" para a ONU e aprovar uma "lei da palmada", sem ao menos avaliar as implicações de sua operacionalização. Não é uma questão de ser contra ou a favor porque é louvável que temas tão delicados estejam em pauta como a "violência contra a infância", mas as condições socioeconômicas e culturais não são levadas em conta para a superação dos problemas nesse campo, pois há sim formas mais eficientes e superiores de educação não tradicional conhecidas por pedagogos experientes e algumas famílias instruídas que nunca precisaram de determinadas técnicas usuais, aliás, condenáveis na maioria dos casos. Tomara que a "lei da palmada" seja um início de processo de transformação, o que conspira contra isso é um relativismo moral que desnorteia algum sistema de normas de base de conduta mais segura e crível do qual os indivíduos comuns possam se guiar e ter certeza do que estão fazendo produzirá resultados melhores. Muitos declaram estar sem orientação para isso e simplesmente inseguros para lidar com os novos tempos. Ao importar agendas sociais multiculturalistas de outros países sem análise profunda sobre a questão regional passamos por cima do entendimento geral sobre os nossos próprios problemas atuais em soluções ingênuas e não acabadas.

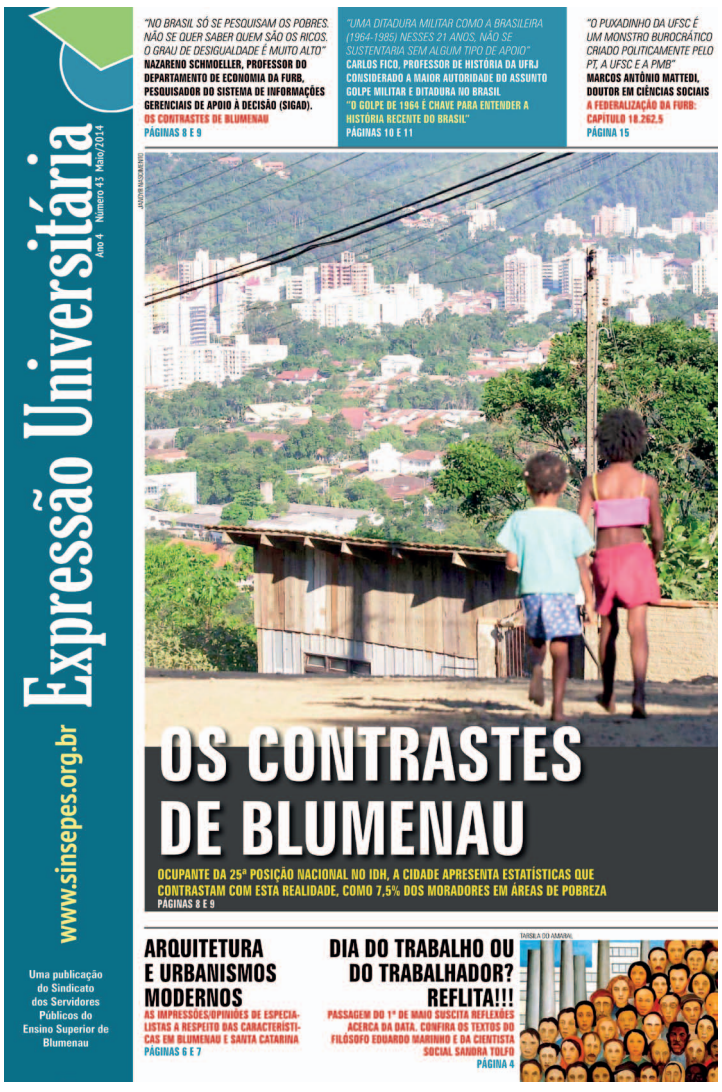
ENTRE ASPAS

"O EXPRESSÃO UNIVERSITÁRIA É IMPORTANTE PORQUE ABRE ESPAÇO PARA A CULTURA LOCAL E A EDUCAÇÃO. UM POVO SEM CULTURA FICA ALIENADO"

EDEMAR MAFRA, Repórter cinematográfico da FURB TV

"A NOVA IDENTIDADE DO EXPRESSÃO UNIVERSITÁRIA ORGULHA QUEM AJUDOU A CONSTRUIR AS PRIMEIRAS EDIÇÕES DESTA PUBLICAÇÃO, CADA VEZ MAIS DIFERENCIADA NO CENÁRIO JORNALÍSTICO DA CIDADE. PARABÉNS A TODOS OS ENVOLVIDOS!"

LEO LAPS, Jornalista



"PARABÉNS PELA REPORTAGEM "OS CONTRASTES DE BLUMENAU" (MAIO/2014). MOSTRA AS REALIDADES DE NOSSA CIDADE QUE EXISTEM NOS BAIRROS, NAS PERIFERIAS, NOS MORROS, ONDE NÃO TEM OKTOBER, ONDE TURISTA NÃO VÊ, ONDE OS POLÍTICOS GOSTAM DOS VOTOS, MAIS DEPOIS ESQUECEM DE OLHAR PARA ESSE POVO E PARA ESSES LOCAIS!"

ADRIANO PEREIRA, vereador

PARTICIPE DO EXPRESSÃO! ***Envie textos, opiniões, fotografias, charges... Entre em contato pelo email ou nos telefones abaixo!***

DIRETORIA SINSEPES | 2011/2014

Presidente: Ralf Marcos Ehmke (CCSA); ***Vice-presidente:*** Luiz Donizete Mafra (DAC), ***Secretária geral:*** Laurete Maria Ebel Coletti (CCS), ***1ª Secretária:*** Marian Natalie Meisen (Instituto FURB), ***Tesoureiro:*** Valcir de Amorim (DAF), ***1º Tesoureiro:*** Leandro Junkes (Biotério Central), ***Diretor de Imprensa e Comunicação:*** Carlos Alberto Silva da Silva (CCHC), ***Diretora de Assuntos Jurídicos:*** Ivone Fernandes Morcilo Lixa (CCJ), ***Diretora de Formação e Relação Sindical:*** Nevoni Goretti Damo (CCS), ***Diretor de Cultura:*** Nazareno Schmoeller

CONSELHO FISCAL
Efetivos: Edemar Valério Mafra (NRTV), Selésio Rodrigues (DAC)
Suplentes: Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira (CCHC)

Jornalista responsável: Magali Moser (02353 JP-DRT/SC)
Diagramação e edição: Magali Moser
Projeto gráfico: Ana Lucia Dal Pizzol

Tiragem: 3.000 cópias. ***Gráfica:*** Grafinorte S/A (Apucarana, PR)

As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.

sinsepes

Contato

Expressão Universitária é uma publicação do Sinsepes (Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau)

Endereço: Campus I da Furb - Rua Antônio da Veiga, 140 - Victor Konder - Blumenau - SC - CEP 89012-900

Telefone: 47 3321-0400 | 47 3340-1477

E-mail: sinsepes@sinsepes.org.br

Página: www.sinsepes.org.br

INTERNAS

PROFESSORA DA FURB GANHA PRÊMIO NACIONAL

A professora Rosiméri Laurindo ganhou a 16ª edição do Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação, na modalidade Liderança Emergente. Ela é Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, fez Mestrado na Universidade Federal da Bahia e Doutorado na Universidade Nova de Lisboa em Portugal. Recentemente fez seu pós-doutorado na Universidade Metodista de São Paulo. Além de pesquisadora participante dos principais eventos científicos no Brasil e no exterior, a professora, segundo análise dos avaliadores do Prêmio, demonstra grande capacidade de liderança, principalmente na condução e autoria do projeto pedagógico do novo curso de graduação em Jornalismo da FURB.

UNIMED PROMETE RESSARCIR PAGAMENTOS INDEVIDOS

Com a migração do plano de saúde dos servidores da FURB para o processo de regulamentação ano passado, a Unimed garantiu que todos os exames feitos nos laboratórios da empresa seriam gratuitos até dezembro. Os servidores que tiveram estes serviços feitos e cobrados no período terão direito a ressarcimento. Para mais informações basta entrar em contato com a DGDP.

SOBRE AS ELEIÇÕES NAS UNIDADES DE ENSINO DA FURB

A FURB realizou dia 21/05, a consulta prévia em primeiro turno, para as direções das Unidades de Ensino e Escola Técnica do Vale do Itajaí (ETEVI), bem como a consulta prévia paa a escolha dos coordenadores dos colegiados dos cursos. Isto consta no calendário oficial, aprovado na resolução Nº 101/2013.

Das oito unidades de Ensino que compõem a FURB, apenas em duas houve mais uma chapa postulando a eleição: no Centro de Ciências Tecnológicas e no Centro de Ciências da Saúde. Nas demais unidades, apresentaram-se para disputar o voto dos eleitores, chapas únicas.

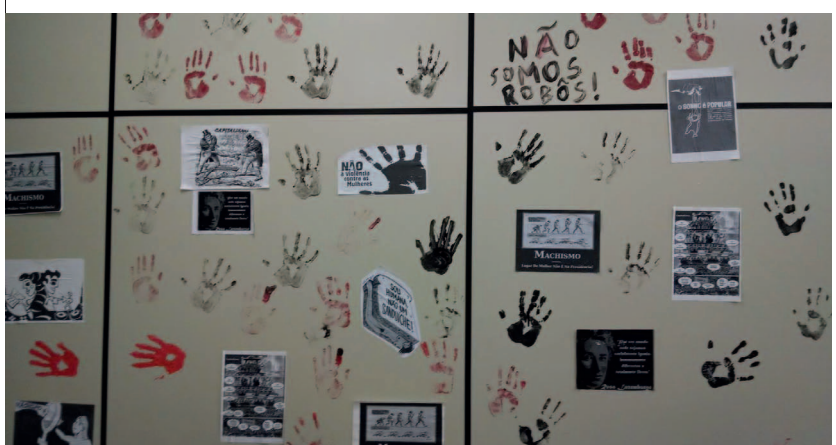
GASTOS EXCESSIVOS DA FURB COM AS COMEMORAÇÕES DOS 50 ANOS REMETEM À REFLEXÃO SOBRE O FINANCIAMENTO PARA ESSES GASTOS

O jubileu de 50 anos da FURB, celebrado dia 2 de maio mas com comemorações programadas até o final deste ano, tem sido marcado por festividades, como distribuição gratuita de agenda para todos os servidores no início do ano (sendo que o SINSEPES já distribui brinde semelhante tradicionalmente a cada início de ano), outdoors com a campanha, camisetas gratuitas para todos os servidores e alunos e mais recentemente com jantar dançante na Associação Artex e show gratuito do grupo Titãs dia 23 de maio para toda a comunidade acadêmica. Diante da situação financeira da universidade, questiona-se os investimentos financiados pela FURB com exclusividade. Ano passado, o CONSUNI aprovou o valor de R$ 300 mil (com base nas mensalidades) para as comemorações da FURB. Mas questiona-se a ausência de captação de fontes de recursos externos de uma marca consolidada como a FURB, que recebeu homenagens de diferentes segmentos pelos 50 anos, no entanto não teve patrocínio de nenhum deles para as comemorações.

ESTUDANTES REIVINDICAM ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA COM MOVIMENTO

Desde o início do mês de Maio, os estudantes do Centro das Ciências Humanas e da Comunicação (CCHC) retomaram os debates relacionados ao FURB PARA TODOS, movimento que se constituiu, no ano passado, por diversos cursos e que levantou reivindicações históricas dos estudantes, tendo como principais pautas: melhorias efetivas da estrutura das salas e equipamentos e ocupação do bloco R pelos estudantes dos cursos do centro de humanas. Um documento com todas as reivindicações foi entregue à reitoria.

O grupo definiu que as reivindicações se tornariam exigências a partir da ocupação da sala R 307. A ocupação da sala é apontada como provisória e espontânea, pelo movimento. O movimento obteve uma reunião com o reitor João Natel dia 29 de maio, quinta-feira. Nas redes sociais, o grupo manifestou a seguinte mensagem: "acreditamos que a construção de espaços de convivência, assim, como maior acessibilidade da comunidade externa dentro do campus, sejam fundamentais para o processo de construção efetiva do ambiente universitário, no intuito de transformar e humanizar a universidade".



Na mesma mensagem, o movimento explica que o espaço foi escolhido, por ter sido a única sala ociosa no momento da ocupação, sendo esta, um espaço de convivência temporário.

ENTRE AMIGAS

Bom clima entre colegas de trabalho é considerado elemento fundamental para assegurar o desempenho da Divisão de Administração Contábil e Patrimonial (DACP)

FOTOS: MAGALI MOSER

Todos os trâmites que envolvem dinheiro na universidade passam por aqui. Mas apesar da pressão e da responsabilidade exigidas pela rotina profissional, o clima entre quem trabalha no setor é de cumplicidade e harmonia. Na Divisão de Administração Contábil e Patrimonial (DACP), o tratamento entre os servidores é como se estivessem entre amigos. "É um trabalho muito minucioso. Afinal, se algo sair errado daqui pode prejudicar a universidade. Mas apesar desse amplo e desgastante trabalho de controle de todos os pagamentos e recebimentos, prevalece um clima de amizade no setor", destaca a auxiliar técnica administrativa Sirleni Schmitt, 34 anos, chefe do setor.

Em 9 de julho, ela comemora 13 anos de FURB. Começou na Divisão de Tecnologia da Informação (DTI). Testemunhou momentos importantes e históricos da universidade, como o movimento em favor da federalização. Ao todo, acompanhou quatro mandatos de reitores, incluindo dois de Egon Schramm, Eduardo Deschamps e agora de João Natel.

Um dos momentos que ela considera como "divisor de águas" foi seu deslocamento para a Contabilidade. Graduada em Contábeis na FURB em 2005 e com especialização em Gestão Pública e agora Gestão Universitária, ela sonhava em trabalhar na DACP. No antigo setor, na DTI, atuava como secretária e buscava um desafio maior. Hoje, Sirleni é responsável pela liderança de oito pessoas no setor. "Uma das conquistas que temos aqui é a liberdade para falar e expor", avalia.

"Sou extremamente realizada profissionalmente. Amo trabalhar na FURB. Nunca pensei em trabalhar tanto tempo num único local. Me sinto completamente realizada com o que faço", destaca a servidora.

O pingente que carrega na corrente envolta ao pescoço e a foto 3X4 no monitor do computador denunciam o outro amor de Sirleni: o filho Vitor, de três anos. Ela parece tirar de letra a divisão entre as tarefas domésticas, de mãe e como servidora, na universidade.

Colega de trabalho de Sirleni há 8 anos, Fabiana Pasold, 34, recusa-se a vê-la como chefe. O tratamento e a amizade entre elas não se limita ao trabalho. Fabiana escolheu a chefe para ser madrinha de sua filha.

"Aqui dentro é como se fosse uma segunda família. Considero todas aqui como minhas melhores amigas. Há confidências, trocas, compartilhamentos. Não sei se há outro setor na FURB assim", pondera.

Com a experiência de quem se formou na FURB e já estudava na universidade desde os tempos de ETEVI, além de trabalhar no mesmo ambiente por mais de uma década, Fabiana arrisca eleger o que considera como principal desafio para a universidade: Na opinião dela, falta comprometimento de alguns para garantir uma universidade de qualidade.

O clima no setor atraiu a servidora Márcia Ferreira Lacerda, 34. Ela trabalhava na reitoria e, apesar de ter aprendido muito e gostar de trabalhar lá, pediu para ser transferida para o DACP em busca de novos desafios. "Depois de mais de um ano tentando, consegui a transferência. Nos momentos de maior demanda todas se unem, realizando o trabalho com dedicação e entusiasmo" conta a publicitária com especialização em Marketing.

NOVO DESAFIO

O setor está comprometido com um novo desafio. A implantação das novas regras da contabilidade, a fim de unificá-la de acordo com normas e padrões internacionais. A lei estabelece que o prazo para a mudança vence em 31 de dezembro de 2014. A modernização envolve todos os funcionários do setor e busca principalmente beneficiar a universidade no sentido de permitir que os relatórios contábeis fiquem mais acessíveis para conhecimento e consulta. Além de Sirleni, Márcia e Fabiana, integram o setor ainda Patrícia Schneider Fernandes, Silvana Mafra Martins e Marilú Luzzani Keunecke (Contadora). Na Seção de Patrimônio, estão ainda Alessandro Carvalho Back Netto e Devair Jose Eyng.

Série valoriza os servidores da Universidade. A cada mês, o Expressão Universitária destaca os profissionais de um setor específico. Confira!

CHEGAREMOS A SER HUMANOS?

O que temos a aprender com as lições deixadas pelas manifestações racistas no futebol

POR ELAINE TAVARES

Jornalista - eteiaufsc@yahoo.com.br

FOTOS: RAFAELA MARTINS

O racismo é uma coisa brutal. Alguém é considerado inferior apenas por conta da intensidade de sua melanina. O racismo não é algo natural. É coisa construída, em nome da necessidade de poder. Na Europa, o racismo se consolida com as grande invasões do 400, quando portugueses e espanhóis singram os mares em campanhas de conquista, depois seguidos por outros povos da região. Assim, eles invadem a China, o Japão, a Índia, Abya Yala, a África inteira... Discriminam os amarelos, os azuis, os vermelhos, os negros. Chamam de seres inferiores, simplesmente porque não são como eles. Com isso, justificam a dominação, a escravidão, o extermínio. Visão grega de mundo, na qual só o igual é ser. Os demais são não-seres. Portanto, passíveis de destruição. Toda a cultura e história milenar desses povos dominados são ignoradas.

O tempo passa, o colonialismo daquele então se acaba, mas as marcas e a herança maldita seguem vivas. Hoje, na Europa, depois de terem destruído a vida de milhões e milhões de pessoas, com a invasão e o massacre, as gentes ainda são capazes de discriminar africanos, asiáticos, árabes e latinos, apenas porque eles são quem são. Nada mais. Essa gente sequer se dá conta de que seus países são responsáveis por toda a pobreza e miséria na qual vivem esses povos, na periferia do sistema capitalista. Ainda assim, rechaçam, matam, humilham, violentam, massacram. No Brasil não é diferente. O ódio contra índios e negros, que teve sua origem na invasão portuguesa, segue com a mesma força. E isso se vê todos os dias, em pequenos gestos, comentários racistas, atitudes discriminatórias.

Agora, vejo um campanha iniciada pelo jogador Neymar, que alude ao gesto de um outro jogador brasileiro - vítima de racismo - que resolveu agir sem alarde diante de uma banana jogada a seus pés, comendo-a, como a dizer: fodam-se, racistas! O ato do jogador, nem discuto. Como branca, é incognoscível para mim saber o que pode ter sentido esse rapaz, assim como tantos outros negros submetidos a momentos de humilhação, sistemáticos, constantes, dia após dia. Talvez tenha sido um esgotamento, um ódio surdo. Não sei.

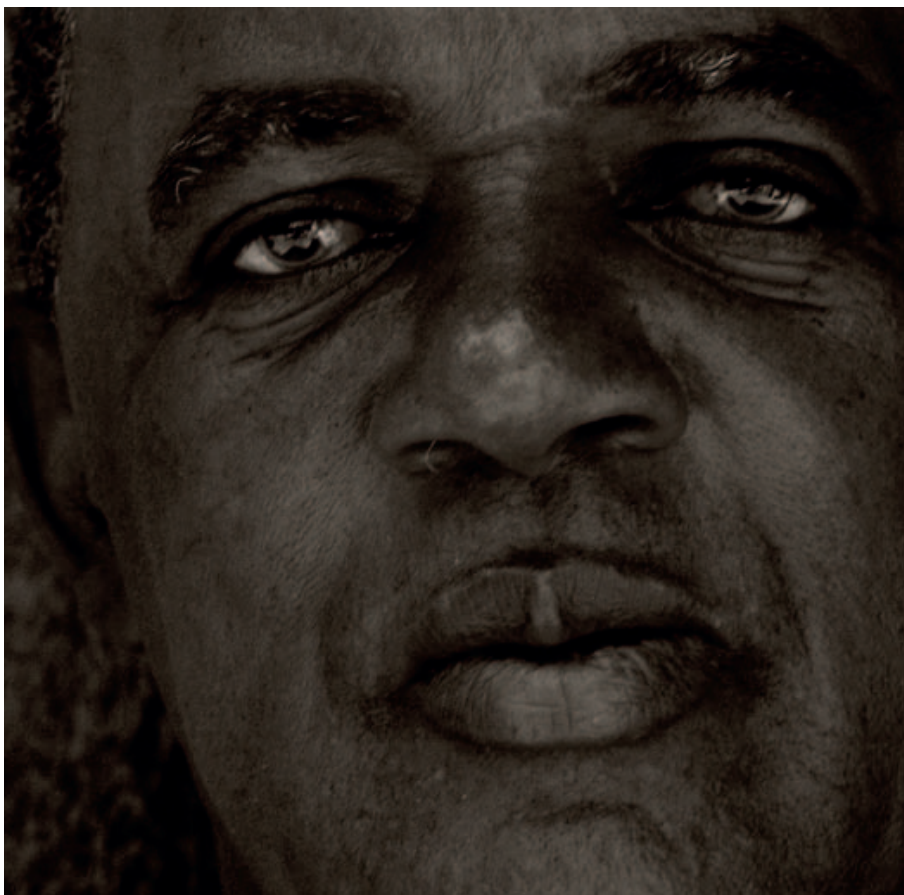
O que me causa espécie é a atitude de tantos outros brasileiros, na tentativa de se solidarizar com o atleta que hoje vive na Espanha, possivelmente por estar submetido - sem chances de escapar - a essa forma de escravidão moderna que é o futebol. Não creio que a melhor saída seja se fotografar com bananas, aludindo que "somos todos macacos". Não o somos. Nem nós, os brancos, nem eles, os negros. Somos de uma triste espécie, frágil e fraca, chamada humana. Uma espécie que só conseguiu sobreviver até agora porque há uma parte de seus indivíduos que coopera e se solidariza no processo de construção da vida. Uma parte que consegue manter o equilíbrio apesar de outra parte insistir na destruição e no egoísmo.

Fico aqui, agora, depois de ler, entristecida, uma matéria sobre um povo negro, do Quilombo São Roque, que teve de jogar fora centenas de quilos de semente, porque está proibidos de plantar em sua própria terra ancestral. Condenados à miséria, ao abandono. Não são macacos, são humanos. Vejo também, no facebook, os cartazes distribuídos em algum lugar desse nosso triste Brasil que dizem que os índios são "atrapalhos" ao progresso, incitando assim o ódio e a violência contra os parentes de todas as etnias. E os índios tampouco são macacos. São humanos.

Então me dá um cansaço, um esgotamento, um ódio. E me deixo ficar na impotência. Não há o que dizer para quem não quer escutar. A solidariedade ao povo negro, aos índios, aos que nos aparecem como diferente não precisa de fotos no facebook. Precisa de ações concretas, na vida cotidiana.

Nietzsche, ao criticar o mundo moderno, dizia que somos humanos, demasiado humanos... Mas não sei, se um dia chegaremos, como raça, a cumprir esse designo!

"Nietzsche, ao criticar o mundo moderno, dizia que somos humanos, demasiado humanos... Mas não sei se um dia chegaremos, como raça, a cumprir esse designo!



A HISTÓRIA DE UM DIA ESCOLAR TÍPICO NA VIDA DE JOÃO

POR LUIZ ALBERTO PEREIRA

Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda (2009), acadêmico do 4º semestre Parfor - FURB em Artes Visuais e professor de Artes na rede estadual de ensino. Bolsita em Direitos Humanos (Pibid) - albertopereira2012@bol.com.br

Minha mãe me tirou da cama bem cedo hoje. Lá fora, ainda estava escuro. Meu pai já havia saído de casa para trabalhar. Ele começa às 5h em uma fábrica do outro lado da cidade. É Carlos, meu irmão mais velho, quem me leva para a escola. Ele tem 13 anos. Eu tenho cinco anos e este é o meu primeiro ano na escola.

“ Minha mãe me tirou da cama bem cedo hoje. Lá fora, ainda estava escuro. Meu pai já havia saído de casa para trabalhar. Ele começa às 5h em uma fábrica do outro lado da cidade. É Carlos, meu irmão mais velho, quem me leva para a escola. Ele tem 13 anos. Eu tenho cinco anos e e este é meu primeiro ano na escola

Com muito sono como um pedaço de bolo e tomo um pouco de Nescau que minha mãe aqueceu no microondas. Carlos demora em levantar da cama e para se arrumar. Por isso quase nunca toma café comigo e com mamãe.

Assim que Carlos aparece na cozinha com sua grande mochila escolar pego também meu material e nos despedimos de mamãe. Ela trabalha em casa como costureira. Começa às 7h e quase sempre vai até as 22h.

Carlos e eu andamos rápido pelas ruas para não perdermos o ônibus. A viagem até a escola leva um bom tempo. Carlos diz que leva meia hora. Não sei quanto é isso. Mas para mim é bastante tempo.

O ônibus está cheio como sempre. Todo mundo parece com sono ou mal-humorado. Ninguém sorri para mim. Carlos não conversa muito comigo. Apenas diz para eu ficar perto dele enquanto ouve música em um fone de ouvidos. Logo um lugar fica vago e temos a oportunidade de nos sentar lado a lado.

Após alguns minutos em silêncio, vejo o ônibus se aproximar do terminal rodoviário. Carlos e eu descemos para trocar de ônibus. Um mar de pessoas nos envolve na saída do ônibus. Assustado seguro na mão de Carlos com força.

- Não tenha medo. – diz ele, falando comigo pela primeira vez após um longo período de silêncio entre nós.

Entramos no outro ônibus e dessa vez, temos que ficar de pé até o ponto final, próximo a escola onde estudamos. Faz frio lá fora. Mas dentro do ônibus, devido ao grande número de passageiros, sinto um pouco de calor. Meu casaco me sufoca. Mas é impossível tirá-lo por causa da falta de espaço. Tenho que aguentar firme até o final da viagem.

Carlos agora conversa com alguns garotos da escola. Eles estudam juntos e me ignoram, conversando entre si, falando palavrões e rindo alto. Carlos fica diferente quando está com eles. Não parece mais o meu irmão.

Assim que chegamos ao ponto final, descemos do ônibus e atravessamos pelas faixas, algumas ruas movimentadas até chegar à escola. Carlos solta minha mão no momento em que cruzamos os portões de entrada.

- Vá para sua sala e espere o sinal. E fique na frente da porta com seus amigos, ouviu? – disse Carlos antes de me deixar sozinho e sumir com seus amigos em meio à multidão de crianças e adolescentes.

Obediente, faço o que Carlos manda. Algumas crianças já estão na frente da porta da sala. Algumas trocam figurinhas entre si, outras jogam futebol com uma grande bola de papel amassado. Todos os dias é a mesma coisa. Já estou me acostumando. Mas o que me incomoda são os gritos das crianças e dos adolescentes. Ouço tantos palavrões que mal posso contar.

Com medo, fico quieto num canto esperando a chegada da professora. O sinal bate. As crianças começam a se juntar na frente da porta e a apanhar suas mochilas. Elas se empurram uma às outras. Sem querer, eu também sou empurrado. Mas ninguém pede desculpas. Fico calado.

Minha professora não veio hoje. Então nossa primeira aula foi com um professor que eu não me lembro do nome. Mas que era bem alto e que usava barba.

- Pessoal, hoje nós vamos fazer desenho da natureza. – diz o professor após fazer a chamada. – Façam um fila. Vamos olhar a paisagem ao redor da escola e depois voltaremos para a sala para fazer nossos trabalhos.

As crianças levantam e saem correndo da sala aos gritos, empurrando carteiras e cadeiras. Um dos garotos cai no chão e é pisado por outros garotos. Ele começa a chorar e a gritar de dor.

- Eu não disse para fazer uma fila? Mas vocês nunca ouvem o que eu digo. – diz o professor se aproximando do garoto caído. - Levanta daí e para de fazer corpo mole.

O professor então nos leva para fora da sala e fecha a porta atrás de si. Após alguns minutos chamando atenção da turma, ele conseguiu que os alunos ficassem quietos e pôde explicar a atividade.

- Vocês estão vendo o céu? – perguntou o professor de barba apontando para o alto.

- Sim. – gritam as crianças, bem alto.

- De que cor é o céu?

-Azul. – respondem os alunos.

- Então de que cor vocês vão pintar o céu nos desenhos de vocês?

- De azul. – gritam as crianças outra vez.

- Beleza. – diz ele contente dirigindo-se à uma grande árvore que fica no meio do pátio da escola. – E essa árvore? Que cores

vocês estão vendo nela?

- Verde e marrom.

- E com quais cores vocês vão pintar as árvores dos trabalhos de vocês?

-Verde e marrom.

Após essas explicações, o professor nos leva de volta para a sala de aula. Lá, recebemos uma folha de ofício cada um. Todos começam a desenhar. Alguns alunos da minha sala têm caixas de lápis de cor, como eu. Mas outros têm que pegar os lápis doados pelo governo que ficam em um grande pote guardado na prateleira de uma velha estante.

Eu começo a fazer meu desenho com cuidado. Faço alguns desenhos com lápis de escrever, usando traços bem fraquinhos, para não marcar a folha. Como Carlos me ensinou uma vez em casa.

- Assim, se você errar, fica mais fácil de apagar e não estraga a folha. – dizia Carlos enquanto copiava o modelo de uma moto de uma revista.

Fiz algumas árvores, desenhei o pátio da escola e nele desenhei algumas crianças jogando bola.

Quando comecei a pintar, o professor chegou perto da minha carteira e olhou meu trabalho com uma expressão séria no rosto.

- Eu não me lembro de ter dito que era para desenhar crianças jogando bola. Mas sim coisas da natureza.

- Mas eu fiz as árvores e o céu como o professor falou pra gente. – disse defendendo-me.

Ele balançou a cabeça e suspirou parecendo irritado. Então começou a olhar o trabalho das outras crianças e a mesma expressão séria surgiu em seu rosto diversas vezes.

- Ah eu não sei o que eu estou fazendo aqui. Vocês não entendem nada mesmo. – disse o professor saindo da sala e nos deixando sozinhos.

As crianças então começaram a conversar entre si e a rir alto. Continuei fazendo o meu desenho até que o sinal tocou outra vez. O professor de barba voltou e recolheu nossos trabalhos.

- Vocês continuam o trabalho amanhã. – disse ele e saiu da sala assim que entrou o professor de educação física.

Novamente fizemos uma fila e fomos levados para o ginásio da escola. O professor usou seu apito muitas vezes para fazer com que as crianças ficassem caladas. Assim que todos se acalmaram ele falou.

- Hoje teremos aula livre. – disse o professor entregando uma bola de futebol para os meninos. – Enquanto os rapazes jogam futebol, as meninas vão me ajudar a fazer um cartaz para o dia das mães.

Eu não sabia jogar bola direito. Corri um pouco com meus colegas pela quadra do grande ginásio até me sentir cansado. Então parei para tomar um pouco de água e fui olhar o que o professor as outras crianças estavam fazendo.

Todos estavam debruçados sobre um grande papel de cor parda fazendo desenhos de corações, flores e escrevendo mensagens para o dia das mães. Além das meninas da nossa turma, estavam também ajudando alunos de outras turmas. Alguns eram da turma de Carlos.

- Vocês não tem aula?- perguntou o professor de educação física para os alunos da turma de Carlos.

- Temos. – disse um dos garotos. – Mas eles estão ensaiando uma coreografia para a Copa. E não gostamos de dançar.

O professor nem notou minha presença. Fiquei olhando enquanto todos faziam aquele grande cartaz para o dia das mães. Enquanto eles estavam ocupados, percebi a sujeira nos cantos do ginásio, grandes manchas de umidade nas paredes e que as duas grandes portas de metal estavam amassadas e pichadas de cima a baixo com nome de alunos e até palavrões.

Quando acabou aquela aula, voltamos correndo para a sala de aula. No caminho de volta, encontrei Carlos no banco do lado de fora de sua sala, brincando de luta com alguns amigos. Eles batiam uns nos outros, dando socos com bastante força. Fiquei olhando de longe, enquanto nosso professor não vinha para a sala.

Então, uma professora apareceu e começou a gritar com Carlos e seus amigos, mandando que eles entrassem para sala. Eles a ignoraram e não pude ver se eles entraram ou não porque meu professor de educação física logo apareceu e me levou para sala.

Nas outras aulas, também ficamos com outros professores que eu nem sei o nome. Copiamos desenhos do quadro e escrevemos algumas palavras em nossos cadernos. Assim passou a manhã até a hora do recreio.

Em fila outra vez, fomos comer. Peguei a merenda da escola. Pão caseiro com doce de abóbora. Não gosto muito desse doce. Mas estava com tanta fome que acabei comendo mesmo assim.

Durante o recreio, uma turma de alunos estava ensaiando uma coreografia para o dia das mães ou para a Copa. Não entendi muito bem sobre o que se tratava. Mas a música era tipo aquela do Lepo Lepo. O som estava bem alto e enquanto eu comia meu lanche, sentado à mesa, as crianças da minha turma e das outras, corriam e gritavam sem parar de um lado para o outro.

Um menino sentado ao meu lado reclamou de dor de cabeça. Ele era da minha turma. Fui com ele até a sala dos professores procurar a diretora. Bati na porta. Um professor muito alto nos atendeu e perguntou o que nós queríamos ali. Expliquei que meu colega de classe estava com muita dor de cabeça.

- Então vai para um lugar que tenha silêncio, fica quietinho por lá, que logo vai passar.

Sem dizer mais nada, ele fechou a porta na nossa cara. Meu colega e eu fomos dar uma volta para longe dali, onde não tinha música alta e nem crianças gritando. Ficamos sentados perto do ginásio em silêncio. O garoto sentou na calçada e apoiou a cabeça na parede da escola, de olhos bem fechados. Parecia sentir muita dor.

- Depois você pede um remédio para dor de cabeça. – disse-lhe. Mas ele não respondeu nada.

Enquanto esperávamos o recreio acabar, fiquei observando a movimentação no pátio. Carlos estava sentado em um banco da escola, enquanto uma garota da turma dele estava sentada em seu colo, com os braços em volta seu pescoço. Os dois se beijaram na boca e riam de coisas que seus amigos falavam. Não consegui ouvir muito bem o que eles diziam por causa da música alta.

Mais tarde, de volta a sala de aula, continuamos copiar palavras do quadro, fizemos contas e ouvimos uma história sobre a colonização de Blumenau pelos alemães. Tivemos que fazer um desenho sobre a história que ouvimos. Meu colega de classe que estava com dor de cabeça foi levado pela professora para a sala.

Após a última aula da parte da manhã, as crianças da minha turma e eu almoçamos no refeitório da escola. Novamente gritaria e brincadeiras de lutas entre os alunos. Sozinho, andei pela escola para conhecer melhor todo o espaço escolar já que aquele era meu primeiro ano ali.

Parei na frente de uma grande janela com grades, onde ficava a sala dos professores e através das cortinas, pude espiar lá dentro. Vi os professores, todos juntos, almoçando em uma mesa pequena, assistindo ao Jornal do Almoço na RBS. E vi também meu colega de classe, deitado em um sofá, dormindo.

“ Meu pai conversa um pouco comigo quase todas as noites antes do jornal e depois vai dormir, pois tem que acordar cedo para trabalhar no dia seguinte. Vou para cama na mesma hora que meu pai e no beliche, espero Carlos apagar a luz e desligar o computador

Fiquei ali por alguns minutos. Vi que as pessoas entravam e saiam da sala. Mas poucos davam atenção para o garoto que parecia dormir com a cabeça coberta por uma jaqueta escura. Lá de fora, podia ouvir o som da TV. A RBS estava exibindo uma reportagem sobre a minha escola. Ouvi sobre o muro da frente que desabara e sobre um vazamento de água, nos fundos do prédio que durou dois meses sem ninguém perceber e que só foi descoberto porque uma das crianças foi buscar uma bolinha de ping-pong que voara para além dos muros da escola.

A partir daí não prestei mais atenção ao jornal. Fui dar uma volta pelo pátio e depois fiquei sozinho aguardando o sinal bater para o início das aulas da tarde.

Na parte da tarde, meus colegas de classe e eu fomos levados para o galpão para uma aula de dança e ouvi aquela música da Copa algumas vezes. Eu não conseguia fazer todos os movimentos que os professores de dança nos mostravam. Mas tentei me esforçar ao máximo.

De repente vi uma professora se aproximar de um dos meninos da minha turma. Ela o levou para o canto e lhe entregou um comprimido. Depois deu água para ele. O menino colocou o remédio na boca e bebeu a água.

- Só assim para você ficar quieto. – disse a professora indo embora. O menino, pulando, voltou para a aula de dança. Parou sorrindo e mostrou-me o comprimido escondido entre os dentes.

- Eu nunca engulo. – disse-me ele esperando a primeira oportunidade de desatenção dos professores de dança para cuspir o remédio fora.

A tarde seguiu lentamente, com mais algumas atividades, um filme sobre a Copa que me deu sono até que o sinal bateu para ir embora. Carlos me buscou na porta da sala e corremos para o ponto de ônibus. A viagem de volta foi ainda mais cansativa que a da manhã. Mas pelo menos estávamos voltando para casa.

Assim que chegamos, Carlos foi direto para o computador. Ele sempre fica no Facebook até minha mãe ou o meu pai o mandar ir tomar banho. Eu costumo tomar café sozinho após meu banho e então fico na frente da TV até dormir.

Meu pai conversa um pouco comigo quase todas as noites antes do jornal e depois vai dormir, pois tem que acordar cedo para trabalhar no dia seguinte. Vou para cama na mesma hora que meu pai e no beliche, espero Carlos apagar a luz e desligar o computador.

Minha mãe, todas as noites, antes de se deitar vem ao nosso quarto verificar se já estamos dormindo. Ela quase sempre briga com Carlos para que ele desligue o computador ou até mesmo largue o celular e vá dormir.

Antes de sair, ela sempre me dá um beijo de despedida.

- Boa noite filho. – diz ela cheirando os meus cabelos e ajeitando minha coberta sobre mim. – A mamãe te ama muito.

Eu a abraço rapidamente antes que ela se afaste e desejo que aquele momento nunca se acabe. Ela sai, apagando a luz, sem perceber que, dos meus olhos escapuliu uma pequena lágrima.

Você seria capaz de identificar na cena acima quem é o bandido e quem é a "pessoa de bem"?

CASOS DE "JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS" SE ESPALHAM E GERAM PREOCUPAÇÃO

Onda de violência com as próprias mãos se propaga por todo o país, chegando a Blumenau. Acendem discussão sobre o perigo da difusão da lei de talião: "Olho por olho, dente por dente"

POR MAGALI MOSER

Jornalista do SINSEPES - magali.moser@gmail.com

As marcas da violência aos poucos perdem força no rosto de Jonhn Paulo Mafra, mas ele ainda carrega sequelas psicológicas da noite de 15 de maio, quando foi espancado após ter sido confundido com ladrão. Entre os traumas estão o aumento da ansiedade e a paranoia com carros que passam ao seu lado à noite. O estudante do sexto semestre do curso de Direito da FURB voltava da casa de uma amiga, na Rua Pastor Oswaldo Hesse, no Bairro Ribeirão Fresco, quando foi abordado por três homens, de carro. Era por volta das 2h. "Correram atrás de mim e me bateram com tacos de sinuca e um porrete. Senti uma pancada na nuca e caí. Com a mão no rosto, tentava me proteger. Achei que fosse executado sumariamente", conta.

No chão, ele ouviu cochichos entre os homens. "Estou com vontade de matar" disse um deles. O outro perguntou: "Trouxeste o 38?". Os homens arrastaram Mafra até uma casa próxima onde estava uma moça. Lá, o estudante descobriu que ela havia ligado para os colegas e pedia ajuda. Assustada, dizia ter ouvido passos, acreditava que alguém teria entrado na casa dela. Quando os homens chegaram, avistaram apenas Mafra na rua e concluíram que ele seria o bandido.

"Eles deveriam responder por tentativa de homicídio. Foi isso que eles assumiram o risco de fazer. Todos os ferimentos que tive estão concentrados do ombro pra cima, quem bate na cabeça com um objeto desses assume o risco de matar. Acho que eles não o fizeram porque alguns vizinhos viram e depois a polícia apareceu. O Estado é falho para administrar a justiça, mas o indivídio é ainda mais falho ao querer fazê-la com as próprias mãos", desabafa.

O relato do estudante de 32 anos não é isolado. Propagam-se pelo país casos semelhantes. A atitude das pessoas comuns de "fazer justiça com as próprias mãos" tem preocupado especialistas e representantes de entidades que lutam pelos Direitos Humanos. O depoimento de Jonhn não choca apenas pela agressão. Ele se diz surpreendido principalmente com o tratamento recebido pela polícia e no hospital. "Tinha acabado de ser violentamente agredido. A cabeça sangrava, havia perdido dois dentes. E o policial disse que faria um Termo Circunstanciado porque era uma lesão corporal leve. No hospital, apesar de ter levado uma pancada na cabeça não solicitaram um raio-x de crânio e ninguém se prestou a avaliar meus dentes quebrados, nem me recomendaram a procurar um dentista ", lembra.

Para especialistas, as ações de linchamentos refletem o descontentamento e a descrença da população na Justiça e no Estado e servem como reação à onda de violência. Eles são unânimes em afirmar que linchamentos são históricos. No entanto, os últimos casos têm características diferentes, com a propagação pelas redes sociais. De março até agora, a professora e socióloga da FURB, Marilu Antunes contabilizou 37 casos de justiceiros, incluindo o de Jonhn, em Santa Catarina. Ela se refere a eles com o termo "covardia social". A professora abriu uma de suas aulas sobre Iluminismo com imagens de jovens amarrados em postes, espancados. E surpreendentemente ouviu da maioria dos alunos em sala que a atitude era correta. "A opinião é a percepção que eles têm de violência. Eles estão no limite do tolerável. Acham que o individual deve sempre prevalecer. Não é uma geração do coletivo. O que ela vai expressar coletivamente é o individualismo", conclui a professora.

Para a professora, a mídia tem papel fundamental nesse contexto, ela cita como exemplo o caso do Facebook, onde as imagens desse tipo de violência ganham destaque. A aprovação por formadores de opinião, como professores, é o que mais incomoda, na visão dela. "Isso porque ele vai reproduzir isso como se fosse uma verdade. É irresponsável como se multiplicam estas ações e o número de pessoas que se afirmam 'pessoas de bem' defendendo este tipo de ato", avalia.

> **"Eles deveriam responder por tentativa de homicídio. Foi isso que eles assumiram o risco de fazer. O Estado é falho mas o indivídio é ainda mais falho por querer fazer justiça com as próprias mãos**

Na opinião da professora do curso de Direito da FURB e diretora do SINSEPES, Ivone Lixa, o caso de Jonhn não é somente uma questão de técnica forense ou de perícia, é indicativo de uma sociedade doente, neurótica e fascista! "A 'ideologia lei e ordem' que copiamos dos EUA tem como vertentes a sensacionalização da violência através da mídia como justificativa do Estado de Polícia. É a cultura da violência todos os dias e a toda hora. Com isso uma espécie de orquestração que o Estado é inoperante e corrupto, o resultado não pode ser outro", lamenta.

CONSELHO DE DIREITOS HUMANOS DA OAB CONDENA CASOS

A sensação de desamparo pelo poder público faz com que a sociedade chame à sua responsabilidade prerrogativas dos poderes constituídos. Esta é a opinião da presidente do Conselho dos Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em Blumenau, Vanêssa Maria Sens Reckelberg.

"A conduta de fazer justiça com as próprias mãos é a contagem regressiva para o fim do chamado Estado Democrático de Direito. Ainda que as forças do poder de Polícia e do Judiciário não atendam as expectativas que os cidadãos comuns clamem e almejem, é intolerável assumir a prerrogativa que é inerente aos poderes constituídos", avalia.

Na opinião da advogada, outro fator a ser destacado é a reação de apoio generalizada a estas ações nas redes sociais. As manifestações de apoio e empatia pelas iniciativas dos "justiceiros" acendem um sinal de alerta. Ela lembra que uma das imagens mais difundidas do país do futebol no âmbito internacional, foi a do adolescente acorrentado a um poste no Rio de Janeiro, depois de ser acusado de roubo e espancado por uma milícia de justiceiros. "Sem saber o que fazer, a sociedade de forma impulsiva convida para um embate, impondo também um escudo de violência, sem perceber que agindo desta forma, certamente se tornará uma vítima ainda mais vulnerável se esse tipo de ação se disseminar. São ações que merecem profunda reflexão de todos nós. Imediatamente. Precisamos reagir sim, mas não para entrar em conflito como se também fôssemos bandidos, precisamos sim exigir das forças de segurança e do Judiciário que cumpram o que lhes é de dever, caso contrário, estaremos fadados a reconhecer e aceitar a vitória de um retrocesso social", conclui.

> **"Precisamos reagir sim, mas não para entrar em conflito como se também fôssemos bandidos. Precisamos sim exigir das forças de segurança e do Judiciário que cumpram o que lhes é de dever, caso contrário, será um retrocesso social**

Segundo ela, a Comissão de Direitos Humanos tem sido presença ativa em vários programas do Município voltados para a atenção e proteção às pessoas em situação de violência. Além disso, a entidade ministra palestras junto às instituições de ensino superior visando esclarecer o que leva a sociedade a reagir desta forma em situações de violência e o que é possível fazer para ter a situação sob controle.

Para a professora do curso de Direito da FURB e diretora do SINSEPES, Ivone Lixa, a convivência com este tipo de prática é sintoma de um momento social, político e jurídico problemático. "Há um descrédito e inoperância das instituições tradicionais (como o Judiciário, por ex.) e que também a sociedade torna-se fascista. É movida pelo ódio, pela justiça como vingança, enfim, em uma análise rápida, não é mais risco e sim a convivência diária com a insegurança. É claro que os de "mais riscos" são os pobres, negros, jovens... enfim, o estereótipo do "criminoso", do "mal" que deve ser combatido. Em tempos de "idade mídia", a encarnação do mal agora é o que o ódio e a intolerância fascista alimentam", conclui. Ela acredita que nunca houve no Brasil muita credibilidade no sistema estatal, desde a origem no sistema colonial a justiça brasileira é tardia e burocrática com uma lógica elitista. Por isso, é necessário se repensar a prática e a cultura jurídica.

O Código Penal Brasileiro criminaliza atitudes de fazer justiça com as próprias mãos. O Art. 345 estabelece que o ato está sujeito à pena.

UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE OS JUSTICEIROS

Por Adiléia Aparecida Bernardo*

Vivemos num país violento, intolerante. Nossa história é uma história de violência, de intolerância, inicialmente em relação à natureza, aos índios, seguindo-se a negros, mulheres, crianças, homossexuais, pobres, trabalhadores, velhos; com os diferentes, prostitutas, colonos, baianos, nordestinos, paranaenses, hippies, "maconheiros", surfistas, skatistas, grafiteiros, pichadores, andarilhos, mendigos, loucos,... A lista é longa de expressões cunhadas e empregadas para nomear múltiplas identidades sociais e, dependendo do contexto e do tom, para expressar o nosso antropocentrismo, etnocentrismo, androcentrismo, outros. Penso que o episódio com o estudante de Direito, espancado em Blumenau, não é muito diferente daquele acontecido com a mulher em São Paulo, ou seja, de um linchamento ou tentativa de linchamento. Linchamentos não são recentes na nossa história nem de outras culturas. Se entendermos o linchamento como o assassinato de uma ou mais pessoas por um grupo de outras pessoas, que reivindicam para si uma certa autoridade ou superioridade para restabelecer uma certa ordem ou uma ordem hegemônica, parece-me ser disso que estamos falando aqui. Acho que o que temos aqui tem a ver com intolerância, com a dificuldade de aceitação do outro, do diferente. A internet, assim como a história, estão cheias de situações de intolerância. Importante observar quem são os alvos frequentes dessa intolerância: os mesmos acima: mulheres, negros, índios, pobres, mendigos, homossexuais, animais... Interessante quando a intolerância começa a preocupar, quando ela parece se aproximar das camadas médias e altas. Não acompanhei direito esses casos recentes na mídia, mas o estudante agredido em Blumenau, pela foto, não sei se é negro, mas me parece bem moreno. Vivemos num país, numa cultura violenta, que "resolve", ou "busca resolver" as coisas de forma violenta. Interessante como a polícia é chamada ou chega quase sempre depois de a violência já ter acontecido. Um dia meu pai, já idoso, foi provocado por um vizinho jovem. Liguei para a polícia preocupada com o que poderia acontecer e me disseram que não podiam fazer nada antes que "algo" acontecesse. Que não podiam agir no espaço privado das pessoas em questão. Essas situações me remetem a outras, outras formas de intolerância, de uma espécie de linchamento simbólico: o "apedrejamento" com bananas sofrido pelos jogadores brasileiros de futebol na Europa: os sujeitos "apedrejados" com bananas, isolados, humilhados no campo, pelo coletivo da torcida; ou ainda o caso das jogadoras brasileiras de futebol, chamadas de macacas, mesmo que a maioria delas seja branca (li em algum lugar, mas não achei agora), mas o fato de serem brasileiras as tornaria mestiças e, portanto, "inferiores". O problema desses grupos, o fato de se arvorarem o direito de acusar, julgar, condenar e executar aqueles que consideram culpados, criminosos, bandidos, pecadores, imorais, sujos. Interessante também que quando identificados, os agressores argumentam que achavam ou acreditavam que suas vítimas fossem "culpadas", ou fossem outra "coisa", como se isso justificasse o ato, como se, se o alvo fosse o que achavam que fosse, então, seu ato estaria correto. Como o caso do mendigo queimado em Brasília, há alguns anos atrás por um grupo de rapazes que achou que ele era um índio. E quem são os agressores? Na maioria homens, talvez numa tentativa de restabelecer, através de velhos recursos, cruéis, suas marcas de distinção de gênero, sua "virilidade" ameaçada pelas últimas décadas de transformação radical nas relações de gênero. Por outro lado, não podemos esquecer o contexto de impunidade no qual vivemos, no qual não temos mais certeza de que verdadeiros culpados serão responsabilizados por seus atos: sejam os supostos culpados agredidos, sejam os seus agressores. Violências desse tipo parecem estar relacionadas a modelos de sociedades desiguais, nas quais a maior parte dos indivíduos tem pouca chance de defesa, ou garantias de segurança, proteção, justiça.

Linchamentos não são novos, recentes. Recente é a visibilidade que passamos a ter deles, na medida em que os grupos antes desconsiderados socialmente passaram a conquistar direitos de igualdade. Segundo algumas fontes, apesar dos números ainda serem grandes no Brasil, eles parecem ter diminuído em algumas regiões, ou cidades, mas tendem ou correm o risco de adquirir novo fôlego com a impunidade e a valorização negativa que adquirem com a visibilidade e a audiência que atingem nas mídias contemporâneas, transformando suas personagens em "celebridades" momentâneas.

**Professora doutora do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia/Centro de Ciências Humanas e da Comunicação (FURB). Mestrado e doutorado em Antropologia Social (UFSC), Graduação em Ciências Sociais (FURB). Eleita nova Coordenadora do Curso de Ciências Sociais*

BRUNA LUÍZA FREIBERGER

FURB: A 'NOSSA' UNIVERSIDADE E OS 'SEUS' ESPAÇOS

Reinvindicação por espaços de convivência na universidade levam grupo de estudantes a ocupar uma sala de aula na instituição. Iniciativa é uma forma de pressionar a reitoria sobre o tema

POR SALY SATLER

Advogada e procuradora municipal - sally.satler@gmail.com

Quando eu estudava na FURB, era possível chegar numa sala, normalmente aberta, para se reunir com amigos ou colegas num dia qualquer pela manhã ou até mesmo à tarde, antes da aula noturna. Fazíamos isso até aos sábados e domingos, especialmente nos tempos em que militava no movimento estudantil do curso de Direito. Afora estes espaços, tínhamos opções fora de sala, num tempo em que os carros ainda não tomavam conta de todos os cantos da instituição.

Esta realidade mudou. Qualquer espaço ao ar livre, entre os prédios, hoje é tomado por carros. As salas de aula, agora com equipamentos de informática e eletrônicos, começaram a ser fechadas por ocasião dos furtos. A burocracia aumentou, visto que entrar numa simples sala, para realizar qualquer evento ou encontro, o aluno deve requisitar primeiramente ao DCE para que este então solicite reserva à instituição; ou então tem que contar com a boa vontade de um professor. O direito ao encontro vem sendo tolhido pouco a pouco, segundo os alunos, há também a proibição dos mesmos se sentarem nos cantos que ainda sobraram entre corredores, com a vigilância e controle dos guardas presentes na instituição. Não raro, a dispersão dos 'grupelhos' é balizada pelo olhar parcial, por vezes preconceituoso, daquele que vigia.

Os mecanismos de controle dissolveram a espontaneidade dos encontros e convivências, usurparam as trocas de ideias e saberes até mesmo com colegas de outros cursos e também com a comunidade. Os alunos, roboticamente, limitam-se a entrar na sua sala, assistir à aula e simplesmente ir embora. Do alto da passarela que corta a Antônio da Veiga, podemos reviver cenas do filme Tempos Modernos, impossível não comparar a entrada e saída da Universidade com a mesma dinâmica fabril, alunos-operários numa triste massa indistinta, tolhidos em suas originalidades e espontaneidade.

Para pressionar a instituição, depois de tantos pedidos e insistências, um grupo independente de alunos "Ocupou a FURB": estão provisoriamente instalados numa sala de aula (R-307), com a finalidade de servir de espaço para o debate livre e aberto dos estudantes e para acelerar a negociação com a Universidade até que a mesma disponha de um espaço real de convivência.

Mais gramados, árvores, bancos e mesas. Menos cimento e estacionamentos. Mais coerência entre a teoria e a prática. Não é possível teorizar tanto sobre a cidade e a sociedade, sem viver e observar isso na própria Universidade. A Universidade deveria ser um espaço de mudança e de novos olhares sobre a cidade e a sociedade; e não reproduzir o seu status.

A FURB, por meio de seus gestores, precisa urgentemente rever o conceito de Universidade, que ainda se autorrefere como Pública. Uma Universidade verdadeiramente pública deveria priorizar espaços de convivência para acolher os estudantes, professores, demais servidores e toda a comunidade, estimulando assim a troca de ideias e saberes espontâneos. Uma Universidade com travas e fechaduras burocráticas não é uma Universidade. É prisão, do lado de fora e de dentro.

A FURB, por meio de seus gestores, precisa urgentemente rever o conceito de Universidade, que ainda se autorrefere como Pública. Uma Universidade verdadeiramente pública deveria prirorizar espaços de convivência para acolher os estudantes, professores, demais servidores de toda a a comunidade, estimulando a troca de ideias e saberes espontâneos

O FUTURO DO REGIME PRÓPRIO DE PREVIDÊNCIA MUNICIPAL E O ISSBLU

POR RALF EHMKE

Presidente do SINSEPES e vice-presidente do CONSAD do ISSBLU - ehmke@furb.br

O SINSEPES e o SINTRASEB participaram com outros conselheiros e profissionais do ISSBLU do XII Seminário Sul-Brasileiro de Previdência Pública organizado pela AGIP (Associação Gaúcha de Instituições de Previdência) que foi realizado em Caxias do Sul de 12 a 14 de maio. O ISSBLU participa de todos os eventos importantes de previdência anualmente, e o tema central desse seminário tratou fundamentalmente sobre a sustentabilidade de longo prazo e o impacto de determinadas situações criadas recentemente em legislação paralela que os gestores dos RPPS (Regimes Próprios de Previdência Social) devem estar monitorando. Os principais pontos da proposta da alteração da LC 308/00 que criou o ISSBLU já foram comentados em edição anterior do "Expressão Universitária" e que propõe tentar corrigir algumas questões que preocupam o ISSBLU.

Quais são questões? Em primeiro lugar é necessário analisar o cálculo atuarial da situação do ISSBLU no longo prazo. O cálculo atuarial é um documento que é periodicamente elaborado e enviado ao Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS). Os princípios da projeção de despesas com benefícios e receitas de contribuições segue a metodologia recomendada pelo próprio Ministério a partir de uma tábua de vida do IBGE modificada de 80 para 111 anos que aumenta a estimativa de vida e inclui os pensionistas. O município de Blumenau paga 15,78% de cota patronal e mais 7% para cobrir o déficit atuarial enquanto que o servidor contribui com 11%. A projeção não considera futuros benefícios e vantagens, aumentos salariais reais e aumento do número de contribuintes ao sistema. A remuneração do patrimônio aplicado considera a meta atuarial do IMA + 6% a.a... O ISSBLU apresentou na reunião do Conselho em maio o último cálculo atuarial com base em 6.618 servidores ativos de 10 órgãos públicos, 1619 inativos e 348 pensionistas, fechando um déficit em valor atual de cerca de R$ 1,66 bilhão. O número parece assustador se compararmos o valor do patrimônio aplicado no final de abril desse ano que era de R$ 298.909.071,93 excluindo imóveis e outros créditos a receber. Segundo a empresa de assessoria responsável por essa avaliação atuarial a situação está sob controle e é razoável pelo que se observa nos demais RPPS no Brasil. Há uma meta de 33 anos para corrigir esse déficit.

Alguns óbices como a compensação previdenciária do regime geral do governo federal que é o tempo anterior que o servidor contribuiu antes do seu ingresso ou da existência do ISSBLU e projetado como receita futura ficam limitados a 10% do valor da base de cálculo o que aumenta o resultado do déficit. O repasse desses recursos aos RPPS pode ser extremamente demorado, pois o INSS tem até 2.000 dias para analisar. O prejuízo é do RPSS que não recebe um centavo enquanto o servidor está recebendo pelo município. É uma conspiração entre esferas de governo, tendo em vista que a Receita Federal é tão eficiente para arrecadar.

Mas o que pode preocupar mais? São algumas situações imprevistas e incertas que podem impactar em qualquer estimativa nessa avaliação. No mesmo seminário algumas delas foram temas de debate.

A primeira questão são as aposentadorias especiais - o Executivo Federal enviou dois projetos de Lei que são de sua iniciativa reservada para aprovação do Congresso Nacional para disciplinar o inciso I e II do parágrafo 4º. do artigo 40 da CF/88, o que é atividade de risco e o que é aposentadoria propriamente dita especial e esses PLC 554 e 555 estão em tramitação. Enquanto isso os servidores estão agindo em especial desde 2006 impetrando e conquistando mandados de injunção determinando que o ente federativo analise o seu pedido à luz do artigo 57 da Lei 8.213/91. O alerta aos gestores dos RPPS é que na ausência em qualquer dos casos de legislação própria municipal aplica-se a legislação do Regime Geral de Previdência que no entender dos expositores é um cipoal de situações dos quais os RPPS não estão devidamente preparados.

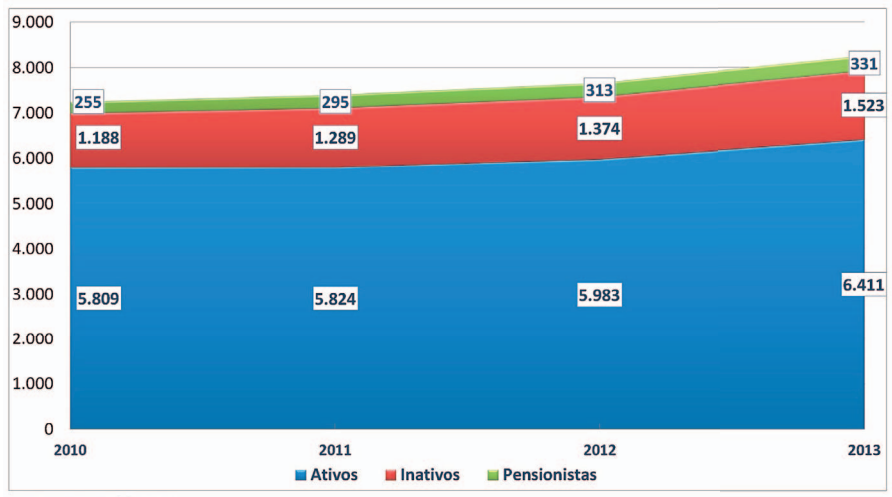
A segunda questão são as pensões por morte - o Brasil é um dos países mais generosos nesse aspecto, mas um verdadeiro golpe está sendo dado em relação a facilitação das uniões estáveis agora regidas por lei. Situações de uniões estáveis "arranjadas". Em Caxias do Sul foi o caso de um servidor hoje falecido, com 92 anos e que no dia após a sua morte antes mesmo do instituto abrir suas portas estava lá uma jovem vistosa de 22 anos dizendo que mantinha uma união estável de longo período e se habilitando como sua pensionista. Casos em que uma conta conjunta é aberta na mesma semana da morte do servidor ensejando a declaração de existir uma união estável.

Terceiro ponto são tutelas e guardas- os termos de guarda de menores de idade e jovens que são colocados sob tutela de servidores muitas vezes na ativa e de inativos (a sua maioria e em muitos casos à beira da morte) se encontram na verdade em casa de seus pais biológicos legítimos - (até o limite de 21 anos ou 24 anos em caso de estar cursando curso superior). Nesses casos estão longe de caracterizarem uma dependência econômica. Caxias do Sul-RS, por exemplo, obteve decisões judiciais favoráveis para coibir a fraude revendo decisões anteriores tanto em 1ª instância quanto no STJ. O judiciário está entendendo que o artigo do ECA que lhes dá proteção, não pode ter o desvio de finalidade para a previdência. Mais de 12 decisões desse tipo foram favoráveis a essa interpretação. Os institutos devem estar preparados de forma a emitir um parecer fundamentado sobre os termos de guarda e contestar as fraudes.

A proposta da alteração da LC 308 que vai tramitar na Câmara de Vereadores em Blumenau é a mudança do cômputo pela média dos valores e tempo de contribuição dos últimos dez anos para trinta e cinco anos no caso do servidor e trinta anos para a servidora, dessa forma o cálculo com base nos adicionais de função e outros passam também a integrar o benefício previdenciário pela média do tempo em que foram recebidos na ativa, uma questão que irá suscitar bastante polêmica. Cabe ressaltar que ficam preservados os casos anteriores onde muitos servidores estão enquadrados de acordo com a data de ingresso no serviço público por diversas legislações anteriores. No caso da FURB temos um problema previdenciário em relação a instabilidade de uma carga horária regular na carreira de muitos docentes que é a base de sua contribuição e o momento da aposentadoria em relação ao cálculo dos benefícios. Quase nenhum estudo foi elaborado na FURB sobre os RPPS e sobre o ISSBLU nesse sentido.

O regime de repartição simples tem sido extremamente vulnerabilizado o que estimula crises estruturais. Ao constituir um regime próprio de previdência social para os seus servidores, um Estado ou município assume um compromisso de longo prazo, com pouca liberdade de repactuação futura. Em Santa Catarina são 67 RPPS de um total de 295 municípios com 6 em extinção. Os municípios pequenos muitas vezes com menos de 100 servidores tem a grande desvantagem de não poder viabilizar seu próprio RPPS em função dos custos da estrutura para seu gerenciamento. No Brasil municípios desse porte - os que se aventuraram nesse campo - não possuem mais recursos nem para pagar os benefícios previdenciários atuais para os inativos, ou seja, seus recursos atuais estão zerados. No entanto no final de 2013 havia mais de 174 bilhões de reais no total aplicados em investimentos a maioria financiando o próprio governo em títulos públicos uma razão pela qual os RPPS são grandes investidores institucionais na aplicação de recursos para a previdência.

Evolução do número de contribuintes e beneficiários - Total Geral ISSBLU



Fonte : ISSBLU

O ISSBLU de Blumenau tem o segundo maior valor disponível de Santa Catarina dentre os municípios e possui em função de seu porte uma estrutura profissional e técnica no ISSBLU compatível para gerenciar um RPPS. O gráfico que ilustra essa página mostra que ainda existe uma contribuição acima dos benefícios tanto do município quanto da FURB, pois os RPPS ainda tem uma existência muito curta em relação à da previdência do Regime Geral.

O SINSEPES defende o interesse coletivo dos titulares em cargo efetivo e preconiza que tanto o Conselho de Administração aperfeiçoe os princípios de governança e transparência como também aperfeiçoe seus quadros, qualificando os membros do comitê de investimento com certificações CPA-10 (obrigatória) e CPA-20 em alguns casos. As mudanças da LC 308/00 devem ser analisadas em todas as suas implicações e discutidas antes de serem encaminhadas para a Câmara de Vereadores para aprovação em especial no que se refere à FURB que é o segundo maior contribuinte do ISSBLU depois da Prefeitura, mas que apresenta situações particulares que precisam ser avaliadas.

REFLEXÕES DE UM TCC

FOTO: ARQUIVO

Um relato sobre a divulgação cultural em Blumenau sob o ponto de vista dos artistas regionais

POR MANOELLA BACK

Jornalista e pós graduanda em Gestão Cultural - manoella.back@gmail.com

Confesso que fiquei feliz da vida quando fui convidada para escrever e deixar um pouco de mim no Expressão Universitária. O tema é aquele mesmo que me deixou e também deixou minhas irmãs, pais, vizinhos (!) e tios de cabelo em pé ao longo de um semestre.

Então, tá. Como passei um bom tempo lendo sobre divulgação cultural, escrever este texto aqui deve ser moleza, certo? Mais ou menos. Busco ainda respostas para muitas dúvidas particulares. Mas para não "pirar meu cabeção" ainda mais, conto sobre como este assunto surgiu e divido algumas considerações.

Ao discutir com colegas, artistas e interessados sobre a divulgação cultural em Blumenau, presenciei diversas críticas sobre o assunto. O jornalismo diário abre espaço para cultura em Blumenau? E será mesmo que o blumenauense não tem interesse em arte? Ouvi ainda as mais diversas soluções para melhora do jornalismo cultural na cidade. Porém, a maioria delas sempre acabava no mundo das ideias. Até que chegou o momento de incluir todas estas ideias no meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Como metodologia, investiguei a opinião de 14 artistas locais e, para que vários aspectos necessários fossem contemplados, inclui representantes das sete artes: dois artistas pertencentes a cada uma das sete áreas artísticas.

Na fundamentação teórica permeei temas como a MPBlu, a Galeria Açú-açú, o Musical Orfeu 21 e outros eventos do segmento cultural que marcam a história de nossa cidade. O meu problema de pesquisa passou a ser "Como seria o jornalismo cultural adequado para Blumenau na visão dos artistas regionais?"

O pressuposto que considerei fortíssimo era parte daquela afirmação clássica: "não há espaço na mídia para divulgar cultura." E este, foi a primeira a cair por terra, uma surpresa. Isto porque boa parte dos entrevistados não reclama da imprensa porque normalmente são bem recebidos pelos nossos veículos. O jornalismo cultural não é tão frágil assim tendo em vista as possibilidades e o modelo jornalístico brasileiro baseado nas teorias da Escola Americana de Comunicação.

As críticas unânimes dos artistas, portanto, se dirigem ao empresariado local que não costuma apoiar iniciativas culturais e que raramente compreende a cultura como profissão. Também há desaprovação da classe artística por parte do setor público que, muitas vezes, faz do artista um burocrata por mantê-lo rodeados de papéis, comprovantes de pagamento e outros itens para a prestação de contas. Devido à excessiva burocracia, há artistas que não submetem projetos para não se "complicar" posteriormente.

Outra questão amplamente levantada pelos artistas regionais é a falta de fomento cultural. Os artistas consideram (e é verdade!) que a deficiência na cultura está no fruir da arte, de usufruir e apreciar a produção artística. Um grande exemplo são as ações da Fundação Cultural de Rio do Sul que, recentemente, ocupou um espaço considerável no caderno de Lazer do Jornal de Santa Catarina.

Com menos de um século de história e com apenas 64.198 habitantes (IBGE/2010), os riosulenses já contam com eventos consolidados e atividades semanais sempre atualizadas no site fundacaocultural.art.br.

Além disso, Rio do Sul dá largos passos em termos de incentivo cultural. Isto porque a Fundação Cultural da cidade oferece 35 cursos os quais atendem, em média, dois mil alunos. Estas atividades ainda se espalham em nove bairros e são gratuitas. Se realizar tudo isso é possível em uma cidade pequena, o que podemos esperar para um município com 329 082 habitantes e 163 anos de desenvolvimento?

Para finalizar, acredito que as pesquisas culturais carecem em nossa região e são importantes para constatar as formas mais eficientes de inovar na cultura desde a economia solidária até ao desenvolvimento regional, além de incrementar e abrir portas para várias áreas do conhecimento.

É ainda importante ver que o espaço no qual vivemos tende a diminuir sua importância sobre nossa personalidade, ou seja, não caracteriza nossa personalidade como em tempos atrás. Sob este conceito, é possível integrá-lo a ideia do moving roots do filósofo Jesus Barbero. A identidade é raiz em movimento, fluxo, mudança raiz, identidade e cultivo, termos estes que têm tudo a ver com cultura. Por isso, é possível acreditar que Blumenau tem muito que mudar. É possível incitar um trabalho prático ainda maior com nossos artistas, contadores e administradores para viabilizar esclarecimentos sobre Leis de Incentivo e, em nenhum momento, fazer com que estas tentativas morram nas bocas de debatedores ou conferencistas de cultura.

> **"As críticas unânimes dos artistas se dirigem ao empresariado local, que não costuma apoiar iniciativas culturais e que raramente compreende a cultura como profissão. Também há desaprovação da classe artística por parte do setor público**

UM HOMEM ROUBADO NUNCA SE ENGANA?

Os primeiros meses de 2014 foram marcados pelo aumento das ações dos chamados ''justiceiros'', indivíduos que defendem a prática da "justiça com as próprias mãos". As notícias de levantes populares contra suspeitos de crimes acende a discussão sobre os impactos da chamada "Lei de Talião"

POR MIGUEL DE CARVALHO

Graduado em Geografia - mdcarvalho89@gmail.com

Nos últimos meses, no Brasil, brotaram em diversas mídias atos violentos por parte da população contra sujeitos socialmente indesejáveis. Os "ladrões de galinha" estão aí, enlouquecendo a vizinhança, cometendo crimes e abalando a paz do cativeiro do "cidadão de bem". Até que os criminosos são pegos "em flagrante" e os civilizados têm chance de fazer "justiça com as próprias mãos". O que fazem com o delinquente?

Numa sociedade em que o Estado detém a função de julgar e punir e funda nisto sua Justiça, parece que os "Justiceiros" não fazem mais do que reproduzir essa Justiça do Estado. Se outrora a justiça foi um exercício espalhado no interior da sociedade, agora o Estado o monopoliza, torna-se detentor dos direitos de julgar, punir, violentar, reter ou de deixar livre e, no limite, matar. Isto significa não só o direito à justiça, mas a dar tom e timbre do que é, ou não, justiça. É da "Justiça da punição" que emana a possibilidade de dizer o que é justo ou de direito. Como pensar numa justiça que fuja aos modelos atuais? Que não seja tosca menção à lei de talião – olho por olho, dente por dente? Que não faça justiça à base de tribunais, pois o tribunal, seja estatal ou popular, é um aparelho desta Justiça?

Além de centralizar tal função, o Estado estrategicamente disseminou essa Justiça, não a pondo acima de nós, mas dentro de nós. De modo que não é estranho que os Justiceiros tenham reproduzido essa Justiça. O Estado é o referencial majoritário, não raro, o único, pelo qual se toca a justiça. Como poderiam eles serem justos de outro modo?

O Estado, em sua Justiça, não atende às nossas necessidades, mas àquilo que em suas necessidades nos implica. É da impotência diante do injusto, produzida pela Justiça centralizada, que os Justiceiros cometem atos violentos e o fazem porque "falta" Estado. Essa violência advém de um "desespero" que poderia resultar em algo novo em termos de justiça, mas que na mão destes caras é um clamor por mais "controle" sobre a vida.

Eles estão muito longe de uma relação nova de justiça, suas mãos são extensões do Estado e da Justiça, interessados na manutenção da ordem vigente, e não numa justiça que leve em conta mais do que o valor da propriedade e a punição individualizada. Talvez, essa seja a possibilidade de pensar uma justiça que não se paute em universais, deslocando esse modelo de Justiça covarde e vingativo.

Esta "nova justiça" não é algo vetado, mas não está dada. Estamos sentindo os efeitos destes indivíduos que "fazem justiça"; de um lado, grupos se organizam para violentar ladrões de galinha, de outro, grupos se organizam contra essa Justiça. Exemplo disto: o Black Bloc. Movimento que não pôde ser contido pelos Estados. Sua força anônima e anômala não pôde ser capturada, presa, ou totalmente apropriada pelos Estados.

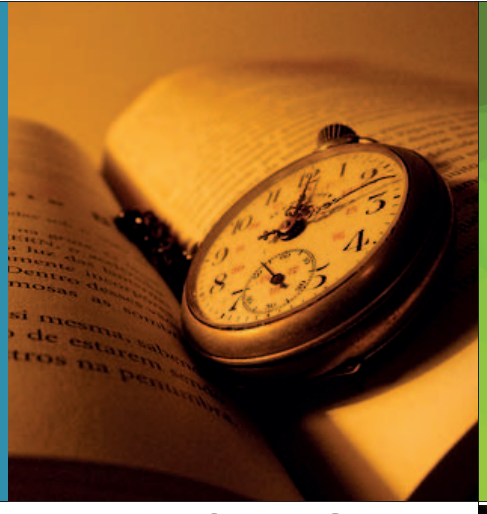
A primeira reação do Estado, no Brasil, ao Black Bloc foi a polícia: força bruta que tem por função histórica proteger a "ordem", ou seja, as relações de poder vigentes, e com isso protegem o Estado e a Justiça. Tendo a polícia, até em sua versão mais requintada, falhado em silenciar, conter ou converter, através do medo, esta força presente no Black Bloc, outra ferramenta entra em cena: a Mídia.

> **"Como pensar numa justiça que fuja aos modelos atuais? Que não seja tosca menção à lei de talião - olho por olho, dente por dente? Que não faça justiça à base de tribunais, o tribunal, seja estatal ou popular, é um aparelho desta Justiça?**

A Mídia tenta vencer o Black Bloc através de violência simbólica e de jogos morais nos quais se liga estas forças a um "sujeito perigoso": o Vândalo. As ações de revolta são moralmente atacadas e desqualificadas: agir contra a ordem atual da sociedade é mal e ser mal é igualar-se a estupradores, bandidos, ou qualquer sujeito indesejável. E, no íntimo, somos jogados nesta cilada moral. Porém, em várias situações a Mídia não obteve o efeito que quis e, com ajuda da Internet, a força rebelde teve a causa abraçada por várias pessoas.

Qual a próxima arma do Estado? A famigerada "Justiça com as próprias mãos". Não se pode crer na coincidência da explosão da aparição destes casos de violência nas mídias, e sua incessante repetição, e a questão do Black Bloc. Um ódio ao Vândalo como criminoso é reinserido ardilosamente, entrando em cena personagens como a famosíssima contadora de histórias que põe Justiceiros e Black Bloc num mesmo nível, como se eles tivessem a mesma origem, meio ou fim. Ora, a distância entre Black Bloc e Justiceiros, nos meios que utilizam e nos fins que objetivam, é tamanha que seria como associar um Padre a um Pajé, ou um Pastor a um Lobo.

Este desejo de aniquilar e/ou capturar os indesejáveis, proliferado nas redes sociais – demonstrando a ambiguidade desta mídia –, emerge de toda parte incendiando os corações de ovelha, que clamam para ter em suas vidas mais "Justiça", mais ordem, mais Estado, ou seja, mais do mesmo. E todo esse fervor é por menos transformação da sociedade, outra vez. Apesar dos vários capítulos, esta história ainda não tem um fim; que saibamos, então, discernir de quem e para quem é esta justiça que queremos e que fazemos – eis o meu clamor.



CURTAS

ATIVIDADES MARCAM AÇÕES DA LUTA ANTI-MANICOMIAL NA FURB

A Enloucrescer – Associação dos Familiares, Amigos e Usuários do Serviço de Saúde Mental do Município de Blumenau, em parceria com a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) da FURB, promoveu dia 22/05 um evento especial que marca a passagem do dia de luta antimanicomial.

O encontro aconteceu das 8h às 18h, no Auditório da Biblioteca, no Câmpus 1, com ciclos de debates, uma palestra e apresentações culturais. Um dos momentos mais esperados do encontro foi a palestra "O Empoderamento dos Usuários de Saúde Mental", com o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Eduardo Mourão Vasconcelos.

Uma das principais ações promovidas por seus defensores é a inspeção aos chamados manicômios judiciários no sentido de inibir práticas de isolamento, maus tratos e tortura aos doentes mentais atendidos, além de trazer novas alternativas de atividades de inclusão social e tratamento aos pacientes.

O Programa Cidadania em Debate, do SINSEPES na FURB TV, abriu espaço para a ENLOUCRESCER em junho. Num programa especial sobre o tema, discutiu-se a política de saúde mental em Blumenau.

MAGALI MOSER

SULFABRIL VAI A LEILÃO EM SETEMBRO PELA SEGUNDA VEZ

Um novo leilão da Sulfabril, que teve sua falência decretada há 15 anos, foi remarcado para 16 de setembro. Nenhum interessado se apresentou no leilão do dia 27 de maio. Com dívida estimada em R$ 119 milhões, a falência da Sulfabril foi decretada em 1999.

A crise da grife teve início nos anos 90, com a abertura do Brasil ao mercado internacional. Em seu auge, nos anos 70 e 80, a companhia empregava mais de 5 mil funcionários.

A marca Sulfabril está avaliada em R$ 40 milhões, e as quatro fábricas da empresa, duas delas ainda em operação, estão avaliadas em R$ 120 milhões. Das dívidas da empresa, cerca de R$ 60 milhões se referem a dívidas trabalhistas, com centenas de trabalhadores no aguardo das indenizações. Hoje, a Sulfabril emprega 700 funcionários em duas unidades em atividade, em Blumenau e Ascurra.

A prioridade deste primeiro leilão era de vender a marca e as quatro unidades em conjunto. Para o próximo, os interessados poderão adquirí-las separadamente. O Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Blumenau, Gaspar e Indaial (SINTRAFITE) estará acompanhando todo o processo do leilão. Na opinião do professor de Economia da FURB e diretor do SINSEPES, Nazareno Schmoeller, o ideal seria que os empregados criassem uma empresa autogestionária e continuassem a gestão como fizeram nos últimos anos. No caso da Teka (foto), a situação está cada vez pior na avaliação do SINTRAFITE. Trabalhadores ainda aguardam o pagamento de seus direitos após a demissão em massa ocorrida na empresa há dois anos.

CANTEIROS CENTRAIS SERÃO REFORÇADOS COM BARREIRA FÍSICA

Os canteiros centrais da Rua Antônio da Veiga passarão a ter uma barreira física feita em bambu a partir de julho. A informação veio à tona por meio de ofício encaminhado pelo secretário de Planejamento Urbano, Alexandre Gevaerd, em resposta a pedido feito pelo reitor da Universidade Regional de Blumenau (FURB), João Natel.

A solicitação da FURB, feita em março de 2013, pedia a instalação de uma barreira física ao longo da Rua Antônio da Veiga, no trecho entre a Rua Max Hering e a Rua São Paulo, visando a evitar a travessia de pedestres fora da faixa ou da passarela existente. A opção escolhida foi o Hibisco, que será plantado de forma a se tornar uma cerca viva. Porém, os hibiscos ainda estão pequenos e se, plantados, não produziriam o efeito desejado. Por isso, foi feita a troca pelo bambu. O plantio, portanto, será feito em julho, durante o período de recesso escolar. A Secretaria de Planejamento Urbano também fará a reposição de mudas de coqueiros jerivá que morreram.

PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO EM DEBATE NA FURB

A passagem do Dia do Trabalhador, em 1º e maio, não passou em branco na FURB. Um debate promovido pelo Departamento de Ciências Sociais reuniu lideranças e a comunidade acadêmica em torno do assunto, dia 5 de maio. Na mesa do debates, o advogado trabalhista de Florianópolis, Prudente Silveira Mello, o assessor sindical Ricardo Freitas, o médico do trabalho, Aldo Vera Sarubbi e o professor e economista Ivo Theis, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da FURB. Na mediação, a professora e assistente social Vilma Simão, ex-presidente do Sinsepes. Entre os desafios levantados pelo debate está a necessidade de incorporar os trabalhadores no movimento sindical. Segundo o médico Sarubbi, o impacto do trabalho na saúde não é apenas físico, mas principalmente mental. Os palestrantes concordaram que a a precariedade das relações de trabalho são fruto de um processo global, da chamada globalização econômica. Uma consequência deste processo, alerta o advogado Mello, é a criminalização dos movimentos sindicais e das greves, contribuindo para tirar a capacidade do sindicato de construir e garantir direitos.

MARIA JOSÉ COELHO

Marcos Antônio Mattedi
Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP)
Professor do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional

LADO B

A DIALÉTICA DAS RAPOSAS E CORDEIROS

A FURB constitui uma universidade pública que cobra mensalidades. Esse desenho institucional constitui o produto de um pacto político firmado em 1991 no contexto de estabelecimento dos Regimes Próprios de Previdência Sociais da União, Estados e Município, previsto pela Constituição de 1988. Este pacto político exprime o encontro de dois grupos de interesses: a) por um lado a Velhas Raposas dirigentes da FURB que queriam se aposentar como funcionários públicos; b) por outro os Jovens Cordeiros que queriam estabilidade funcional para fazer política com a universidade.

A dialética entre Raposas e Cordeiros traduzia a relação entre conservadores e progressistas. As Raposas eram as antigas lideranças da instituição, formada, principalmente, por ex-professores de Ensino Médio ligados à gestão e ex-funcionários das grandes empresas de Blumenau; os Cordeiros constituíam os professores com titulação recém-contratados com a criação de novos cursos, principalmente, na área de Ciências Humanas. O pacto político em torno da transformação do regime jurídico da FURB atendia tanto a FURB do passado quanto a FURB do futuro.

Ocorre que pactos políticos envelhecem. E envelhecem porque o contexto social muda de forma independente do que achamos dele. E pactos políticos velhos são sempre perigosos. Sobrevivem por meio de um processo dialético de manutenção dos antigos interesses e a inclusão de novos. Quando o processo de inclusão é substituído por um processo de exclusão, as contradições precisam ser sufocadas, aumentando os conflitos e crises. Trata-se, portanto, de identificar essas contradições, ou seja, a mágica política que vem transformando os Cordeiros em Raposas.

Contradição institucional. A primeira contradição diz respeito ao caráter público do orçamento e ao caráter privado do financiamento. Trata-se de um desenho institucional que reúne características do setor público e do setor privado. Mais precisamente, significa que a FURB é pública para dentro (funcionários), mas privada para fora (estudantes). Este desenho institucional reúne todas as desvantagens de gestão do setor público com todas as desvantagens de gestão do setor privado. Conseguimos reunir a burocracia pública, com instabilidade privada.

Contradição política. A segunda contradição se refere à participação da sociedade no financiamento, mas sua exclusão no processo decisório de direção da universidade. Isto significa que a FURB precisa da sociedade regional para se reproduzir economicamente, mas não permite que ela conduza o processo de tomada de decisão política. Dito de outra forma, a FURB foi criada pela sociedade regional, mas a sociedade regional foi sendo progressivamente excluída a medida que a FURB se tornava pública. Quanto mais pública, menos participativa.

Contradição funcional. A terceira contradição diz respeito ao papel da FURB no desenvolvimento da região do Vale do Itajaí. A FURB desenhada como um "colegião" de terceiro grau para a formação superior da classe média, e para qualificação profissional para o setor industrial da região. Ocorre que durante este período a região passou por um processo de reestruturação produtiva e surgiram outras instituições que também fornecem este serviço. Isso desencadeou uma crise de identidade. Quanto mais pública ela se torna, maior a oferta de formações liberais.

Contradição cognitiva. A quarta contradição diz respeito ao aumento da produção de conhecimento, e à diminuição do acesso da comunidade regional a esse conhecimento. Com a progressiva transposição da pesquisa científica na FURB para programas de pós-graduação, a produção do conhecimento deixou de ser guiada pelas necessidades da comunidade regional, como eram as pesquisa realizadas no Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT)-FURB, no Instituto de Pesquisas Sociais (IPS) e no Instituto de Pesquisas Ambientais (IPA), e passou a ser orientada por padrões globais de excelência científica. Isto significa que, quanto maior a excelência acadêmica, menor a acessibilidade.

Com o passar do tempo os velhos Cordeiros se transformaram em novas Raposas... E enfrentaram essas contradições do pacto político, hipotecando o futuro. A Contradição Institucional da ambivalência público-privado foi sufocada com o mito da federalização; a Contradição Política da participação comunitária com a ideologia da autonomia universitária; a Contradição Funcional no desenvolvimento regional com priorização institucional das áreas de saúde e tecnológicas; e a Contradição Cognitiva pela diminuição de aulas na graduação dos doutores.

Mas o futuro chegou e as contradições não puderam mais ser escondidas. Por um lado, o financiamento desse pacto político não pôde mais ser realizado por meio da expansão do número de vagas e do aumento do valor da mensalidade devido à perda do monopólio local provocado pela desregulamentação do ensino superior do Governo PSDB; por outro, o decréscimo dos investimentos na infraestrutura e a degradação da carreira nos últimos anos têm freado a atração de novos pesquisadores devido ao fortalecimento do ensino público no Governo PT.

Estas contradições colocam a FURB num impasse político: neste modelo institucional, para ser mais pública, a FURB precisa ser mais cara; porém quanto mais cara for menos pública ela será. Em outras palavras, neste modelo institucional para oferecer uma melhor produção, transmissão e repasse do conhecimento é preciso aumentar o custo da mensalidade, porém quanto mais alto o custo da mensalidade mais elitista ela se torna. Por isso, a resistência a esse desenho institucional parece vir mais da sociedade e se exprime de diversas maneiras.

O resultado da explosão das contradições se exprime pela estagnação: a) redução de investimentos; b) esclerose docente; c) bomba previdenciária. Por um lado, verifica-se a diminuição progressiva do número de alunos e, consequentemente, a diminuição dos investimentos. Por outro, a redução de novos concursos e consequente diminuição de contribuintes para o ISSBLU. Assim, nós desejamos formar cidadãos melhores, mas acabamos criando clientes insatisfeitos. Afinal, não possuímos a excelência das instituições federais e nem a acessibilidade das instituições privadas.

É esse impasse que reflete o atual cenário político eleitoral. Desde a formação da chapa de oposição Universidade Urgente, esta é a primeira eleição que não existe oposição nas eleições à reitoria. Mais precisamente é a primeira vez que o modelo institucional da FURB não se encontra em disputa. Este consenso seria reconfortante se indicasse um amadurecimento institucional e o estabelecimento de um novo pacto político. Porém, precisamos reconhecer que reflete apenas a acomodação de interesses e desconhecimento dos atuais desafios institucionais da FURB.

> **"Desde a formação da chapa de oposição Universidade Urgente, esta é a primeira eleição à reitoria que não existe oposição. Mais precisamente, é a primeira vez que o modelo institucional da FURB não se encontra em disputa. Este consenso seria reconfortante se indicasse um amadurecimento institucional e o estabelecimento de um novo pacto político. Porém, precisamos reconhecer: reflete apenas a acomodação de interesses e desconhecimento**

Sabemos quem são as Raposas. As Raposas somos todos nós... Nos tornamos Raposas quando nos conformamos com o que existe. Se existe uma lição a ser tirada da dialética das Raposas e Cordeiros é que não se nasce Raposa, torna-se Raposa... Não podemos evitar o envelhecimento dos pactos políticos, mas podemos aprender com ele. Para um novo pacto político, precisamos de novos Cordeiros! Portanto, o grande desafio da futura gestão parece ser superar os interesses conformistas das velhas Raposas sem poder contar com o apoio de novos Cordeiros!

EM BUSCA DE VALORIZAÇÃO

Parados desde o dia 21 de maio, os servidores municipais reivindicam reajuste salarial, aumento de R$ 5,00 no vale-alimentação, revisão da tabela salarial e a implantação do plano de carreira e salários na área da Saúde. Passeatas e manifestações em frente à prefeitura fortalecem o movimento desde o início da greve. Dia 29 de maio, os servidores percorreram as ruas do Centro usando mordaças. Até agora, mais de 3,6 mil profissionais aderiram à paralisação, segundo o Sindicato dos Servidores Públicos Municipais (SINTRASEB). A categoria resolveu entrar em greve após uma assembleia geral realizada no dia 15 de maio que reuniu mais de 2 mil trabalhadores.

O SINSEPES apoia e se solidariza com a luta dos servidores em greve. Somos servidores públicos também regidos por leis diferentes no mesmo município com data-base em época diversa, mas com lutas em comum, o que nos torna irmãos. Como servidores da educação nos solidarizamos também com os professores do município em relação às condições precárias dos ACT e do não cumprimento integral das horas atividades como manda Lei Federal. Se definitivamente a carreira do magistério deva ser valorizada e reverter o quadro atual da educação, o poder público deve mudar os limites da LRF e destinar recursos compatíveis para cada ente público acabando com tais distorções. Todo trabalhador sabe as dificuldades que envolvem a deflagração de uma greve, tanto para a categoria como para a sociedade. Mas, infelizmente, ações irresponsáveis não deixam alternativas, senão a greve.

As fotos do ensaio são de Julio Pollhein Jornalista/Especialista em Novas Mídias, Rádio/TV e Mestre em Desenvolvimento Regional. Professor de Fotografia.